

**Universidade de Zagreb**

**Faculdade de Letras**

**Departamento de Estudos Românicos**

**O LEXEMA *CABEÇA* NA FRASEOLOGIA PORTUGUESA**

**(Tese de diploma)**

**Estudante: Ivana Baričić**

**Mentor: dr.sc. Nina Lanović**

**Zagreb, 2014**

## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO .....	3
2. METODOLOGIA .....	5
3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	7
3.1. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	7
3.2. POLISSEMIA .....	11
3.3. METÁFORA E METONÍMIA .....	14
3.3.1. ESQUEMA IMAGÉTICO .....	15
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	18
4.1. POLISSEMIA DO LEXEMA CABEÇA.....	18
4.2. ESQUEMA IMAGÉTICO DO LEXEMA CABEÇA .....	25
4.2.1. CONTENTOR .....	25
4.2.2. ESQUEMA ORIENTACIONAL .....	28
5. COMPARAÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM PORTUGUÊS E CROATA .....	31
6. CONCLUSÃO .....	36
BIBLIOGRAFIA .....	39
ANEXO.....	42

## 1. INTRODUÇÃO

O tema do trabalho é a análise de expressões idiomáticas em que o lexema *cabeça* é um dos componentes. O lexema *cabeça* é interessante para análise porque se encontra em muitas expressões idiomáticas e tem vários significados. Os falantes exprimem numerosos conceitos através de *cabeça*, criando combinações livres de palavras, bem como expressões idiomáticas. A fraseologia é uma disciplina interessante para análises linguísticas porque as expressões idiomáticas existem em todas as línguas e culturas, mas apresentam variação até dentro de uma mesma cidade, de tal maneira que uma só expressão idiomática poderá realizar-se como duas expressões aparentemente diferentes. Por causa de várias tradições e condições sociais, económicas e culturais, uma expressão idiomática pode manifestar-se de forma diferente. Por exemplo, em Portugal e no Brasil, embora se trate da mesma língua, as expressões idiomáticas mostram diferenças, especialmente quando se trata de assuntos ligados aos acontecimentos datados depois da revolução industrial.

De acordo com Langacker (2008), o pai da linguística cognitiva, o conceito de linguagem é simbólico e entende-se como uma estrutura complexa e altamente motivada pela interação de todas as áreas do sistema cognitivo. A gramática é a simbolização e a estruturação do conteúdo semântico. O significado está no centro da análise linguística e, como tal, é a chave para entender a língua.

Alguns linguistas, especialmente os cognitivistas, creem que a língua é construída pela cognição e pelas experiências extralinguísticas. Assim, função da língua não é só a comunicação, mas também a introspeção na nossa compreensão do universo extralinguístico. O modo como percebemos, entendemos e categorizamos o mundo aplica-se à língua, criando estruturas complexas e polissémicas. A polissemia possibilita o uso racional da língua através das unidades lexicais existentes. Se cada nova manifestação fosse nomeada por uma expressão nova, perder-

se-ia a economia da língua e a língua ficaria sobrecarregada. A polissemia pode ser interpretada de várias formas, mas o que as une é a interpretação da estrutura dos lexemas polissémicos:

*Polisemni leksemi zrakasto (radijalno) su ustrojene kategorije sa središnjim ili prototipnim značenjem oko kojega se po principu rodbinske sličnosti, odnosno načelom više ili manje organiziraju ostala značenja ili značenjske nijanse. To znači da sva značenja nisu jednako bliska prototipnome značenju, tj. neka su mu bliskija, a neka su udaljenija. (Raffaelli, Neka načela ustroja polisemnih leksema, 2007)*

Os cognitivistas acreditam que não há uma distinção clara entre o significado literal e o transferido, ou seja, denotativo e conotativo, portanto, as expressões idiomáticas não têm de ser analisadas de um modo diferente das expressões não-idiomáticas. As expressões idiomáticas não se excluem da descrição linguística pelo facto de serem iguais a qualquer outra unidade linguística. Os fenómenos de metáfora e metonímia também merecem atenção porque é interessante ver como as nossas experiências somáticas e extralinguísticas são transmitidas através da língua.

A teoria da corporificação da mente, *grosso modo*, diz que o pensamento, ou mais precisamente todos os aspetos cognitivos, são altamente determinados através dos aspetos corporais. Esta tese foi introduzida já por parte de Kant e Merleau-Ponty, tendo sido incorporada nos estudos de Johnson, Lakoff, etc. (Johnson, 2005).

## 2. METODOLOGIA

O objetivo do trabalho é analisar expressões idiomáticas portuguesas contendo a componente *cabeça*. As expressões idiomáticas observadas foram extraídas de Nogueira Santos (1990) e encontram-se listadas em anexo, tal como se segue<sup>1</sup>:

- na primeira coluna são listadas as expressões idiomáticas,
- na segunda coluna é fornecida a explicação de cada expressão idiomática (também extraída de Nogueira Santos (1990),
- na terceira coluna inclui-se tradução para o croata, sendo que as expressões idiomáticas encontradas em Talan (2004) se encontram em *itálico* e **negrito**, as expressões equivalentes<sup>2</sup> encontradas em Menac, Fink-Arsovski, & Venturin (2003) são apresentadas em MAIÚSCULAS, em *itálico* e **negrito**, as expressões que resultam da minha tradução são apresentadas apenas em *itálico*.

Inicialmente, impõe-se um enquadramento teórico para introduzir alguns conceitos importantes para a análise. Em primeiro lugar, fala-se sobre as expressões idiomáticas e as suas características, especialmente semânticas. Continua-se com algumas palavras sobre a polissemia e em seguida sobre a metáfora e a metonímia. Este enquadramento teórico contribui para um melhor entendimento da análise.

Seguidamente, apresenta-se-a análise dos dados. Vamos mostrar em que medida o lexema *cabeça* é polissémico.

Depois vamos dividir<sup>3</sup> as expressões por esquemas imagéticos vendo ao mesmo tempo as metonímias e as metáforas conceptuais que aparecem-se nas expressões. Queremos observar como é que só um lexema pode adquirir tantos significados e de que forma isso acontece. As

---

<sup>1</sup> Sem consideração especial à coluna onde se encontram os números que marcam as expressões idiomáticas.

<sup>2</sup> Na minha opinião.

<sup>3</sup> Não de um modo rígido; veremos que não é possível separar um esquema do outro e que eles se podem entrelaçar.

metonímias e as metáforas conceituais que aqui são objeto de análise foram encontradas em *Master Metaphor List* de Lakoff et al. (1991).

As expressões idiomáticas serão comparadas em linhas gerais com expressões idiomáticas do croata apenas para verificar a existência da universalidade de algumas características e de algumas outras curiosidades.

### 3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

#### 3.1. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

As palavras podem formar vários conjuntos que podem ser arbitrários ou estáveis. Um conjunto estável geralmente indica a formação de uma expressão idiomática. O ramo da linguística que estuda as expressões idiomáticas é a fraseologia.

A primeira classificação de expressões idiomáticas foi estabelecida por Charles Bally, no seu *Traité de Stylistique Française* em 1909, do ponto de vista estilístico e semântico. Ele distingue dois tipos dos conjuntos de palavras:

- **combinações livres**, que são temporárias, ocasionais, inestáveis, e
- **combinações indecomponíveis**, que são estáveis e apenas têm significado como conjunto de palavras.

Existem muitos casos intermédios entre quais se destacam as **séries** e as **unidades fraseológicas**. As últimas têm um significado novo, diverso dos significados dos elementos constituintes isolados. V. V. Vinogradov, no artigo *Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa* em 1947, propõe outra classificação das expressões idiomáticas em três grupos:

- **fusões**,
- **unidades** e
- **combinatórias fraseológicas**.

Uma fusão fraseológica tem um significado completamente diferente dos significados dos seus componentes quando isolados, enquanto a unidade fraseológica tem um significado relacionado com os significados dos componentes. O significado nas combinações fraseológicas é muito mais independente e representa uma combinação habitual entre os componentes, por isso, o autor

coloca-as nas combinações livres, colocações. Igor Mel'čuk distingue, no quadro da *Teoria Sentido-Texto* em 1974, 1995, 1997, **co-ocorrentes livres** e **restritos**. Os co-ocorrentes restritos dividem-se em

- **frasemas completos,**
- **semi-frasemas** e
- **quase-frasemas.**

Um frasema completo tem um significado que não tem nada a ver com os significados dos seus componentes, um semi-frasema mantém o significado dum componente, enquanto um quase-frasema mantém os significados dos seus componentes complementando-o com algum outro significado. (Tchobánova, 2005)

Na fraseologia portuguesa destaca-se Mário Vilela, cujo estudo deriva das obras de Lakoff e Johnson. Para Vilela, a fraseologia é

*a disciplina que tem como objecto as combinações fixas (diria mesmo, congeladas) de uma dada língua, combinações que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais (ou lexemas). Estes frasemas (ou fraseologismos) funcionam como um processo de ampliação do léxico, servindo assim para a nomeação, qualificação, circunstanciação, ou, por outras palavras, contribuindo para a lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência quotidiana. (Vilela, 2002)*

Vilela classifica as expressões idiomáticas, conforme a estrutura e semântica, do seguinte modo:

- fraseologismos (núcleo, ou fraseologismos prototípicos)
- estereótipos de nomeação:
  - ocorrências frequentes e prováveis – *opinião pública*
  - unidades toponímicas não idiomáticas – *Rio Grande do Sul*
  - unidades de nomeação não idiomáticas – *noite e dia*
- fórmulas comunicativas:
  - totalmente idiomáticas – *o diabo seja cego, surdo e murdo*
  - parcialmente idiomáticas – *isso agora já é outra cantiga*
  - não idiomáticas – *boas festas*
  - chavões – *ser o bom e o bonito*

- construções com verbo suporte
  - totalmente idiomático – *perder a cabeça*
  - parcialmente idiomático e em que verbo suporte tem valor essencialmente aspetual – *romper a chorar*
  - parcialmente idiomático – *fazer um ajuste de contas*.

As expressões idiomáticas apresentam algumas características particulares, antes de mais no plano da estrutura e do conteúdo. Vilela (2002) resume convenientemente essas características:

*Nas fraseologias, trata-se de unidades polilexicais sistematicamente estáveis (pelo menos, relativamente estáveis), que se caracterizam pela idiomaticidade (total ou parcial), pela lexicalização e reproduzibilidade e ainda, no discurso, caracterizadas por uma alta capacidade textualizadora (capacidade criativa de ligação, de associação e modificação) e por uma capacidade comunicativa muito rica. Tratando-se de signos polilexicais estamos em presença de um grupo muito heterogéneo, com subgrupos estrutural e semanticamente bem diferenciados.*

As expressões idiomáticas são estruturas estáveis e fixas, o que subentende uma **invariabilidade**. Tal invariabilidade manifesta-se pela combinação e ordem fixa dos lexemas. Por exemplo, a expressão *pão e circo* (ou *pão e jogos circenses*), criada pelos romanos antigos, indica o provimento de comida e diversão ao povo, com o objetivo de diminuir a insatisfação popular contra os governantes<sup>4</sup>. Se substituíssemos um constituinte por algum outro, por exemplo *circo* por *jogo*<sup>5</sup>, a expressão perderia o seu sentido, o mesmo sucedendo em caso de alteração da ordem dos lexemas, por exemplo *circo e pão*. A invariabilidade das expressões idiomáticas não se pode entender no sentido mais literal da palavra. Há muitas maneiras de modificação das expressões idiomáticas, em primeiro lugar no plano da estrutura. Essas modificações podem ser a alteração do género, do número, de artigos, de preposições, o uso do diminutivo, de superlativo, etc., por exemplo: *ter uma palavra/uma palavrinha a dizer*. A variabilidade das expressões idiomáticas também pode ser diatópica, por exemplo, a expressão portuguesa *ficar em águas de bacalhau* tem o equivalente brasileiro *dar com os burros n'água*.

---

<sup>4</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Panem\\_et\\_circenses](http://pt.wikipedia.org/wiki/Panem_et_circenses)

<sup>5</sup> Na língua croata existe a expressão *kruha i igara*, em português: *pão e jogos*, literalmente

Outra característica essencial das expressões idiomáticas é a **idiomaticidade**, o que quer dizer que as expressões idiomáticas não podem ser traduzidas literalmente para outra língua, ou seja, palavra por palavra. Os componentes das expressões idiomáticas perdem o seu significado para a construção de um significado novo. Como já foi mencionado, um dos componentes pode manter o seu significado ou o significado da expressão idiomática pode ser a soma dos significados de componentes, mas com alguma variação.

A **lexicalização** significa que uma expressão idiomática é assumida como uma unidade equivalente à palavra simples e integra o léxico como um todo terminado e fixo. As várias unidades perdem o seu significado original, passando a compor uma unidade nova.

## 3.2. POLISSEMIA

O conceito de polissemia é conhecido há muito tempo, mas um dos primeiros autores a introduzir o estudo sistemático da polissemia foi Michel **Bréal** (1897) no *Essai de Semantique*. Bréal aponta a polissemia como a consequência da mudança e da inovação semântica e como uma manifestação sincrónica, mas condicionada diacronicamente. Ele afirma que a polissemia não traz problemas à comunicação, mas satisfaz as necessidades cognitivas e sociais na comunicação de um povo e que o uso de palavras polissémicas é próprio de um povo de grande atividade intelectual.

Durante o período do estruturalismo, segundo **Coseriu** (2000), a polissemia representava uma manifestação não linguística, condicionada por utilizações diferentes e por necessidades comunicativas atuais.

Por outro lado, **Ullman** (1972) sustenta que a polissemia é resultado de estruturas em que se entrelaçam aspetos linguísticos sincrónicos e diacrónicos. Ullman examina a causa e a origem da polissemia e conclui que uma das origens é a mudança semântica. A mudança semântica implica variações de significado que são condicionadas contextualmente. Ullman examina a polissemia como manifestação diacrónica e Lyons como sincrónica. **Lyons** (1977) interessa-se pelos critérios através dos quais podemos distinguir polissemia de homonímia, não negligenciando a intuição dos falantes.

Todas as línguas naturais incluem o conceito de polissemia. Polissemia refere-se ao facto de uma expressão possuir dois ou mais significados e é necessária para que, em dada língua, os falantes possam impor manifestações novas a conceitos já existentes. No dia a dia, os falantes encontram-se em situações novas, pois ganham experiências novas e precisam de as conceptualizar através de símbolos já conhecidos. Uma língua sem polissemia seria uma língua sem inovações ou uma língua recarregada e assim, provavelmente, desconhecida para a maioria dos seus falantes. O lexema *cabeça* é um exemplo de polissemia, um termo, embora quotidiano, com numerosos significados, seja como palavra autónoma, seja como parte de expressões ou frases idiomáticas.

O conceito de polissemia permite aos falantes o uso racional e económico do léxico existente. Porém, a polissemia pode por vezes criar fenómenos linguísticos indesejados, como por exemplo a ambiguidade. A linguística cognitiva relaciona a manifestação da polissemia com a motivação cognitiva e linguística. Isso implica que os falantes gravitem naturalmente em torno do estabelecimento de vínculos conceptuais e semânticos, até mesmo onde não existam objetivamente. As estruturas polissémicas mostram ao mesmo tempo estabilidade e dinâmica; estabilidade por causa da existência de elementos estáveis e convencionais e dinâmica devido à criação de inovações conceptuais.

A polissemia não ocorre só a nível semântico, também pode ocorrer a outros níveis, por exemplo, o morfológico. Em português, o sufixo *-al* pode significar: o agente (*decisão presidencial*), o lugar (*Europa ocidental*), a coletividade (*bananal*), etc. Podemos verificar a polissemia sintática na seguinte frase, bastante conhecida especialmente em linguística computacional, ‘*Man saw boy with the telescope*’. Esta frase pode assumir vários significados dependentes da função sintática das palavras. Assim, o homem [sujeito] pode ver o menino [objeto] com o telescópio [instrumento] ou o homem [sujeito] pode ver o menino [objeto] com telescópio [atributo].

Quando falamos sobre lexemas polissémicos, temos de ter em mente que possuem sentido próprio e figurado, ou seja, denotativo e conotativo. Eleanor Rosch desenvolve a teoria dos protótipos<sup>6</sup> e tenta explicar o que é o sentido prototípico de um lexema e como determiná-lo. Raffaelli (2009) expõe três modos de determinação do sentido prototípico:

1. intuição do falante – pressupõe-se que a primeira associação ligada a um lexema seja o sentido mais proeminente; no caso de *cabeça*, o sentido mais proeminente seria ‘parte do corpo humano’,
2. frequência – o uso frequente de um lexema; quando pesquisamos o termo *cabeça* no Google, recebemos quase 30 600 000 resultados, por isso, verificámos somente as dez primeiras páginas; o que foi interessante verificar foi que *cabeça* como ‘parte de corpo humano’ manifesta-se só num exemplo [*dor de cabeça*] e que a manifestação mais

---

<sup>6</sup> Teoria que diz que as categorias são organizadas conforme o membro mais proeminente, o protótipo, e que os outros membros são mais ou menos parecidos com ele.

frequente é *quebra-cabeças*; isso não significa que o sentido prototípico de *cabeça* seja ‘problema de difícil resolução’, mas que as pessoas usam o Google para passatempos,

3. origem de sentido – o sentido prototípico é o que pode servir para a explicação de mecanismos que levam à extensão da estrutura e à origem dos novos sentidos; assim, o sentido ‘parte de corpo humano’ de *cabeça* é o sentido praticamente mais próximo.

Langacker (2008) sublinha a teoria de esquematização, parecida com a teoria dos protótipos, em que o esquema é uma categoria abstrata absolutamente compatível com os membros da categoria. Outros membros representam *instatation* do esquema e derivam do mecanismo de *elaboração*<sup>7</sup>. *Instatations* sublinham características adicionais que completam o entendimento de esquema.

---

<sup>7</sup> *Elaboration.*

### 3.3. METÁFORA E METONÍMIA

O desenvolvimento da linguística cognitiva contribuiu para o desenvolvimento da ideia de que a língua faz parte da capacidade cognitiva e de que a gramática é a conceptualização. A conceptualização representa a compreensão, a experiência e o entendimento do universo que nos rodeia. Para a linguística cognitiva, a metáfora e a metonímia são os processos centrais envolvidos na formação das estruturas conceptuais, portanto, na construção de significado. A metáfora e a metonímia facilitam a configuração de conceitos novos através de conceitos empiricamente conhecidos. Ainda que sejam dois processos diferentes, a metáfora e a metonímia estão bastante ligadas e algumas vezes são difíceis de distinguir. A diferença é que na metáfora os domínios são diferentes e na metonímia coincidem.

No âmbito da linguística cognitiva, fala-se de metáfora conceptual. George Lakoff e Mark Johnson (1980) introduziram a metáfora conceptual na linguística cognitiva pela primeira vez no seu livro *Metaphors we live by*. Segundo eles, o pensamento e o significado constroem-se a partir das estruturas conceptuais que se baseiam nas estruturas pré-conceptuais derivadas da experiência, ou seja, do modo de funcionamento do mundo. A estrutura conceptual, abstrata, passa do domínio físico ao nível básico por transposição metafórica.

Lakoff e Johnson diferenciam:

- metáforas orientadoras – derivadas das relações espaciais,
- metáforas ontológicas – os conceitos abstratos são conceptualizados como objetos físicos,
- metáforas estruturais – o domínio de origem e o domínio de destino são bem diferenciados.

A metáfora baseia-se na semelhança entre as duas manifestações; esta semelhança não tem de ser objetiva, basta que os falantes percebam que ela existe. A interpretação de uma metáfora implica que um domínio seja entendido através de outro por causa de uma semelhança conceptual. O domínio de origem é a base para o domínio de destino. Um exemplo é a metáfora *Time is money*.

O conceito de ‘tempo’ (domínio de destino) percebe-se através do conceito de ‘dinheiro’ (domínio de origem), ou seja, o tempo pode-se perder tal como o dinheiro e por isso encontramos expressões como: *perder tempo, ganhar mais tempo, etc.*

A metonímia baseia-se na proximidade entre as duas manifestações. A maioria dos conceitos entende-se pela relação da matriz dos domínios através dos quais se molda o significado de um lexema. Radden & Kövecses (1999) pressupõe que metonímia seja:

- um fenómeno conceptual – porque faz parte do pensamento por causa da experiência quotidiana,
- um processo cognitivo – porque mapeia-se uma entidade conceptual através de outra,
- uma operação dentro de modelos cognitivos idealizados – conceito que não inclui só o conhecimento enciclopédico de um domínio, mas também os modelos culturais que o constituem.

Existem teorias que defendem que todas as metáforas têm bases metonímicas. Goossens (1990) apresenta o conceito de metaftonímia para designar as várias relações entre metáfora e metonímia. Metaftonímia pressupõe que a única diferença entre metáfora e metonímia seja o mapeamento<sup>8</sup> dos domínios, que podem ser internos ou externos.

No presente trabalho, usam-se metáforas conceptuais listadas em *Master Metaphor List* de Lakoff et al. (1991.).

### 3.3.1. ESQUEMA IMAGÉTICO

Esquema imagético é um conceito abstrato que deriva da experiência do mundo externo que com ela se relaciona. Lakoff e Johnson explicam o esquema imagético como uma visualização esquemática da experiência extralinguística; selecionam-se aspetos extralinguísticos através dos quais se podem entender e moldar experiências mais abstratas e distantes. É um modelo repetitivo da experiência sensório-motora através da qual se pode compreender essa

---

<sup>8</sup> *Mapping.*

experiência e pensar sobre ela. Este modelo pode ser usado para estruturar conceitos abstratos e para refletir sobre o domínio abstrato do pensamento. Johnson (2005) diz:

*Our sensory-motor capacities must be recruited for abstract thinking. If you approach this problem at the level of concepts, then you want to know where conceptual structure comes from for both concrete (e.g., 'tree', 'house', 'on', 'in front of') and abstract concepts (e.g., 'mind', 'ideas', 'knowledge', 'justice') and how relations of concepts support inferences. Answering this question leads you to focus on structure. That is, you must identify structures of sensory-motor experience - image schemas - which can be used to understand abstract concepts and to perform abstract reasoning.*

A noção de esquema imagético está estreitamente relacionada com o desenvolvimento da tese de cognição corporificada, ou seja, o entendimento corporificado da estrutura do sistema conceptual. O esquema imagético não é um conceito detalhado ou rico, mas um conceito abstrato que consiste em formas emergidas de instâncias repetitivas da experiência corporificada; é uma fundação do sistema conceitual porque é o primeiro conceito que emerge na mente; ele é de tal forma fundamental ao pensamento que nós não estamos conscientes da sua existência. Esses esquemas podem funcionar independentemente, mas também se entrelaçam. Podem possuir vários níveis de esquematização. Os esquemas mais comuns são: contentor, origem, percurso e meta, parte – todo, centro – periferia, etc. Por exemplo, o esquema do contentor envolve limites diferenciando interior de exterior, explicando assim a diferença entre *dentro/fora*, *cheio/vazio*, etc. Nós percebemos o corpo como um contentor ou como um objeto dentro de um contentor. O esquema de contentor tem uma estrutura *gestalt*, ou seja, as partes não têm sentido sem o todo – o interior não existe sem os limites e o exterior, o exterior não existe sem o limite e algum interior. Por exemplo, na frase *'Estás sempre no meu coração'* o coração entende-se através do esquema de contentor. O contentor tem paredes (limites) e, por isso, implica interior e exterior. Dentro de um contentor, ou seja, no seu interior, alguém preserva alguma coisa preciosa. No

caso do nosso exemplo, alguém (eu) guarda algo precioso (pessoa querida) **no** contentor (coração) usando a preposição *em* para exprimir a ideia de guardar dentro do contentor.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1. POLISSEMIA DO LEXEMA *CABEÇA*

O lexema *cabeça* é um lexema muito fértil, ou seja, um lexema polissêmico que participa na criação de bastantes expressões novas. Basta uma rápida consulta a qualquer dicionário para verificarmos que o lema de *cabeça* é consideravelmente subdividido. De acordo com Talan (2004), *cabeça* mostra grande grau de polissemia e pode designar:

- parte do corpo humano,
- parte de legumes (*cabeça de alho*),
- parte superior, proeminente e redonda de algum objeto (*cabeça de um alfinete*),
- cabeçalho de documento,
- pessoa (*cada cabeça, cada sentença*),
- animal (*cabeça de gado*),
- chefe, capital, razão, inteligência,
- pessoa que é responsável por alguma coisa,
- primeiro candidato de uma lista.

Vamos tomar como sentido típico o sentido denotativo do lexema *cabeça* ('parte do corpo humano'), ainda que não apareça nessa forma nas expressões analisadas. Uma das razões é a “perda” do significado que já foi descrito antes no capítulo sobre expressões idiomáticas. Outros sentidos do lexema *cabeça* nas expressões analisadas aparecem por causa da metáfora e da metonímia (sobre o qual falaremos detalhadamente mais tarde). Nas expressões analisadas, o sentido metonímico é aquele em que *cabeça* se refere a uma **pessoa**:

- 1) cabeça chocha (fam),
- 2) cabeça de casal,

- 3) cabeça de motim,
- 4) cabeça de vento (fam),
- 5) cabeça esturrada (pop),
- 6) cabeça forte (fam),
- 7) cabeça fria (fam),
- 8) boa/grande cabeça (fam),
- 9) bom da cabeça/bola/do juízo (fam),
- 23) duro de cabeça (pop),
- 25) por cabeça,
- 39) contar as cabeças,
- 86) cabeça-de-camarão (pop),
- 87) cabeça-de-coco (pop),
- 88) cabeça-de-turco,
- 89) cabeça-dura (pop).

Os outros sentidos manifestam-se por causa da metáfora. *Cabeça*, como parte superior do corpo humano, metaforicamente obtém o sentido de **‘superior ou inicial; origem’** nas seguintes expressões:

- 16) da cabeça aos pés/dos pés à cabeça (fam),
- 49) estar à cabeça/frente de (fig),
- 59) medir alguém dos pés à cabeça (fig),
- 84) vir à cabeça (fam).

Como parte do corpo de vital importância, *cabeça* ganha sentido de **‘importante’**:

- 3) cabeça de motim,
- 49) estar à cabeça/frente de (fig),
- 84) vir à cabeça (fam).

Conforme a importância já mencionada, *cabeça* também aparece com o sentido de ‘**vida**’:

- 41) cortar a cabeça/o pescoço a/de alguém (pop),
- 51) exigir/querer a cabeça de alguém (fig),
- 70) pôr a cabeça de alguém a preço/prémio.

O cérebro, centro do sistema nervoso e portanto o órgão mais importante para as capacidades intelectuais, está situado dentro da cabeça, bem como outras partes, por exemplo os olhos, as orelhas, etc. Poderíamos concluir que o valor semântico dessas partes seja transposto para o conceito de cabeça, ou seja, que *cabeça* poderia assumir os sentidos dos seus constituintes.<sup>9</sup> Portanto, *cabeça* tem sentido de ‘**capacidade intelectual**’. Vamos sublinhar os dois lados dessa capacidade: grande (maior capacidade intelectual, como algo que é bom) e pequena (menor capacidade intelectual, como algo que é mau). Não vamos excluir as expressões que indicam *temperamento*, *carácter* ou *estado emocional* nem metê-las num grupo especial porque frequentemente são inseparáveis umas das outras.

O significado de *grande capacidade intelectual* foi encontrado nas seguintes expressões:

- 6) cabeça forte (fam),
- 7) cabeça fria (fam),
- 8) boa/grande cabeça (fam),
- 9) bom da cabeça/bola/do juízo (fam),
- 17) de cabeça (fam),
- 32) aprender de cabeça/cor/memória,
- 38) conhecer/saber/ter de cabeça/cor/memória,
- 40) contar de cabeça,
- 47) dizer/repetir de cabeça/cor/memória,
- 50) estar/ser bom da cabeça/bola/cachola do juízo/da pinha (pop),
- 53) fazer contas de cabeça (pop),
- 73) regular (bem) da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha (fam),

---

<sup>9</sup> Na expressão analisada 'voz de cabeça' *cabeça* determina uma característica da voz, significando 'voz estridente, aguda'.

- 75) saber onde tem a cabeça (fam),
- 78) ter a cabeça no seu lugar (fam),
- 79) ter cabeça/caco (fam),
- 80) ter (boa) cabeça para (fam).

Por outro lado, o sentido de *menor capacidade intelectual* foi encontrado nos seguintes casos:

- 1) cabeça chocha (fam),
- 4) cabeça de vento (fam),
- 5) cabeça esturrada (pop),
- 11) com a cabeça à razão de juro (pop),
- 12) com a cabeça à roda (fam),
- 13) com a cabeça na lua/nas nuvens (fam),
- 14) com a/de cabeça perdida (fam),
- 14) de cabeça inchada,
- 23) duro de cabeça (pop),
- 29) andar/trazer a cabeça à razão de juro (pop),
- 54) governar-se/regular-se pela cabeça de alguém (fam),
- 62) não estar/ser bom da cabeça/bola/cachola do juízo/da pinha,
- 63) não regular (bem) da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha (pop),
- 65) padecer/sofrer da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha,
- 68) pensar pela cabeça de alguém (fam),
- 74) regular mal da cabeça/bola/cachola/juízo/da pinha (fam),
- 86) cabeça-de-camarão (pop),
- 87) cabeça-de-coco (pop),
- 88) cabeça-de-turco,
- 89) cabeça-dura (pop).

Quanto às outras expressões vamos reduzi-las ao denominador comum. *Fazer alguma coisa com* ou *de cabeça* tem o sentido de alguma **‘atividade ou processo mental’**. Em todos os casos esta atividade é abstrata, não é evidente. Só no caso da expressão ‘quebrar a cabeça’ poderíamos dizer que atividade é visível, mas vamos fazer a distinção entre ‘quebrar a cabeça’ no sentido visível (ferir a cabeça) e ‘quebrar a cabeça’ no sentido abstrato (meditar, ponderar demoradamente). Assim, destacamos seguintes expressões:

- 29) andar/trazer a cabeça à razão de juro (pop),
- 33) assentar (a) cabeça (fam),
- 34) atirar-se/lançar-se de cabeça (pop),
- 35) baixar/curvar/vergar a cabeça,
- 36) bater/dar com a cabeça pelas paredes (pop),
- 43) dar tratos à cabeça/bola/imaginação (fam),
- 48) encasquetar-se na cabeça de alguém (pop),
- 52) fazer andar a cabeça à roda,
- 54) governar-se/regular-se pela cabeça de alguém (fam),
- 56) levantar (a) cabeça (fig),
- 57) levar na cabeça (fig),
- 58) matar a cabeça a/com (fam),
- 60) meter na cabeça (fam),
- 61) meter em cabeça,
- 63) não regular (bem) da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha (pop),
- 67) passar pela cabeça/memória (fam),
- 68) pensar pela cabeça de alguém (fam),
- 69) perder a cabeça (fam),
- 71) puxar pela cabeça/cachimónia/cachola/pelos miolos (fam),
- 72) quebrar a cabeça (fam),
- 73) regular (bem) da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha (fam),
- 74) regular mal da cabeça/bola/cachola/juízo/da pinha (fam),
- 85) virar/voltar a cabeça/o juízo/miolo a alguém (fig).

A maior parte das expressões refere-se ao processo mental que poderíamos ligar ao sentido de ‘capacidade intelectual’. Assim, o processo de *fazer alguma coisa de cabeça* significa ‘fazer algo na maneira prudente e sensata’, por exemplo ‘contar de cabeça’ significa ‘calcular mentalmente’:

- 32) aprender de cabeça/cor/memória,
- 38) conhecer/saber/ter de cabeça/cor/memória,
- 40) contar de cabeça,
- 47) dizer/repetir de cabeça/cor/memória,
- 53) fazer contas de cabeça (pop).

Outra noção importante é a de que as expressões obtêm o sentido dependendo da posição de *cabeça*, mais precisamente, se *cabeça* não estiver *no seu lugar*, a expressão teria o sentido de algo reverso ou mau. Assim, a expressão ‘saber onde tem a cabeça’ significa ‘pessoa sensata, ponderada’ e, por outro lado, a expressão ‘andar/estar/ficar com a cabeça à roda’ significa ‘sentir tonturas’. Expressões em que *cabeça* está no seu lugar, e portanto em bom estado, são:

- 15) com pés e cabeça (fam),
- 56) levantar (a) cabeça (fig),
- 75) saber onde tem a cabeça (fam),
- 78) ter a cabeça no seu lugar (fam),
- 82) ter pés e cabeça (fam).

Por outro lado, *cabeça deslocada* denota mau estado nas expressões seguintes:

- 12) com a cabeça à roda (fam),
- 13) com a cabeça na lua/nas nuvens (fam),
- 14) com a/de cabeça perdida (fam),
- 26) sem pés nem cabeça (fam),
- 31) andar/estar/ficar com a cabeça à roda,
- 35) baixar/curvar/vergar a cabeça,

- 52) fazer andar a cabeça à roda,
- 64) não ter pés nem cabeça (fam),
- 69) perder a cabeça (fam),
- 85) virar/voltar a cabeça/o juízo/miolo a alguém (fig).

Os vários sentidos do lexema *cabeça* são resultado de processos metafóricos e metonímicos, mas também do resultado da elaboração do esquema. Em geral, o sentido básico do lexema *cabeça* é 'parte do corpo' e, como tal, serve para a extensão da estrutura semântica. O conhecimento fundo reporta-se ao domínio de 'homem'. Trata-se de relações metonímicas quando *cabeça* significa pessoa porque a parte do homem (ou seja, a *cabeça*) representa o *homem todo*.

## 4.2. ESQUEMA IMAGÉTICO DO LEXEMA *CABEÇA*

### 4.2.1. CONTENTOR

O corpo humano entende-se como um **contentor**, que subentende relações como: dentro-fora, cheio-vazio, acima-baixo, etc. As características do contentor são o tamanho, o conteúdo, o limite, etc. *Cabeça*, como um contentor, conserva um conteúdo, ou seja, o cérebro. Dado que o cérebro é um conteúdo muito importante para o ser humano, uma parte do corpo de importância vital, sem a qual não pode viver, o contentor precisa de ser forte e persistente. Assim, encontramos as expressões:

- 23) duro de cabeça (pop),
- 89) cabeça-dura (pop).

A conceptualização da cabeça como um objeto sólido mostrada nos exemplos anteriores permite que coloquemos a metáfora conceptual ‘CABEÇA É UM OBJETO (SÓLIDO)’<sup>10</sup>. A cabeça é conceptualizada como um objeto sólido que não permite, por causa da sua solidez, a entrada de objetos alheios, isto para além de que cabeça como contentor pressupõe o enchimento do contentor. *Cabeça* representa metonimicamente uma pessoa e, metaforicamente, um objeto sólido. Assim, uma pessoa com “cabeça de material sólido”, é uma pessoa teimosa e obstinada porque não permite que objetos alheios (ideias, pensamentos, etc.) entrem no seu contentor, cabeça, permanecendo apenas fora do contentor. Ainda devido à referida solidez, a cabeça é resistente às mudanças, não sendo possível moldar o seu conteúdo.

Outra característica de um contentor é o tamanho. Pressupõe-se que um maior tamanho signifique alguma coisa boa/melhor e vice-versa:

- 8) boa/grande cabeça (fam),
- 86) cabeça-de-camarão (pop).

---

<sup>10</sup> *‘HEAD IS (SOLID) OBJECT’.*

As expressões anteriores podem ser tratadas como metáforas conceptuais ‘GRANDE É BOM’<sup>11</sup>, ‘PEQUENO É MAU’<sup>12</sup>. Possuir ou ter alguma coisa em grande/maior quantidade, por exemplo, um maior salário, casa ou automóvel, implica um maior bem-estar e por isso o tamanho grande conceptualiza alguma coisa boa e o tamanho pequeno conceptualiza algo mau ou menos bom. Assim, uma cabeça grande significa uma pessoa prudente ao passo que uma cabeça pequena (como a cabeça do camarão) significa uma pessoa pouco inteligente, pouco perspicaz, estúpida. É interessante observar que na expressão ‘de cabeça inchada’, tomando a cabeça inchada como algo grande em tamanho, não significa alguma coisa boa, visto que este tamanho da cabeça é inverso ao normal.

Um contentor pode estar cheio ou vazio. Um contentor com maior conteúdo é melhor do que um contentor vazio, portanto, uma pessoa inteligente possui um maior conteúdo, o cérebro, dentro do seu contentor, a cabeça. Também vemos que se pode adicionar ou retirar conteúdo:

- 4) cabeça de vento (fam),
- 61) meter na cabeça,
- 67) passar pela cabeça/memória (fam),
- 81) ter minhocas na cabeça (pop),
- 83) tirar da cabeça/ideia/do sentido (fam).

As expressões idiomáticas acima listadas podem ser observadas através da metáfora conceptual ‘IDEIAS SÃO OBJETOS’<sup>13</sup>, ou mais concretamente, ‘MENTE É CONTENTOR PARA OBJETOS’<sup>14</sup>. Já foi mencionado que cabeça serve como ‘contentor’ para ideias e pensamentos. Colocar um objeto num contentor implica que este objeto ocupe uma dada área dentro do contentor; se isso acontecer por um período curto, representará um processo mental breve (*passar pela cabeça*). Por outro lado, colocar um objeto no contentor (*meter na cabeça*) representa um processo mais longo.

---

<sup>11</sup> ‘BIG IS GOOD’.

<sup>12</sup> ‘SMALL IS BAD’.

<sup>13</sup> ‘IDEAS ARE OBJECTS’.

<sup>14</sup> ‘BRAIN IS CONTAINER FOR OBJECT’.

Algumas expressões idiomáticas mostram uma considerável propensão para a (des)localização de cabeça, ou seja, em grande parte das expressões, *cabeça* situa-se (ou não) no seu lugar próprio. Assim, a cabeça no lugar próprio refere alguma coisa estável, enquanto a cabeça deslocizada tem um significado negativo:

- 12) com a cabeça à roda (fam),
- 13) com a cabeça na lua/nas nuvens (fam),
- 14) com a/de cabeça perdida (fam),
- 31) andar/estar/ficar com a cabeça à roda,
- 52) fazer andar a cabeça à roda,
- 69) perder a cabeça (fam),
- 78) ter a cabeça no seu lugar (fam).

Podemos relacionar a metáfora conceptual ‘MUDANÇA É MOVIMENTO’<sup>15</sup> com as sub-metáforas conceptuais ‘MUDANÇA É PERDA (DE OBJETO)’<sup>16</sup>, ‘DEIXAR DE ESTAR NUM (CERTO) ESTADO É DEIXAR UM LUGAR’<sup>17</sup>. A experiência humana observa a mudança, por um lado, como progresso, avanço, crescimento mas, por outro lado, existe a mudança em sentido inverso, considerada como regressão, decadência, etc. A metáfora ‘mudança é movimento’ poderia ser associada ao conceito de *modelo de evento canónico*. As pessoas percebem a mudança causada pelo movimento também como a possibilidade de transmutar os objetos. Quando notamos uma mudança espacial, também somos conscientes do facto de que o nosso ambiente está diferente. Assim, a mudança é percebida como posse ou perda do objeto.

---

<sup>15</sup> ‘CHANGE IS MOTION’.

<sup>16</sup> ‘CHANGE IS LOSING (OBJECT)’.

<sup>17</sup> ‘STOPPING BEING IN A STATE IS LEAVING A LOCATION’.

#### 4.2.2. ESQUEMA ORIENTACIONAL

Podemos chamar os seguintes esquemas de **esquemas orientacionais**. ‘**Origem, percurso, meta**’ é um esquema em que a cabeça habitualmente é um alvo que um objeto alheio tenta atingir ou deixar. De cada vez que uma pessoa recebe uma informação, existe uma origem (por exemplo, outra pessoa), uma meta (a pessoa que recebe a informação), um percurso (que liga a origem à meta) e uma direção (para a meta):

- 61) meter na cabeça,
- 76) subir alguma coisa à cabeça de alguém (fam),
- 77) subir o sangue à cabeça (fam),
- 83) tirar da cabeça/ideia/do sentido (fam),
- 16) da cabeça aos pés/dos pés à cabeça (fam),
- 59) medir alguém dos pés à cabeça (fig).

A maioria das expressões acima listadas é outra vez motivada pela metáfora ‘**MENTE É CONTENTOR PARA OBJETOS**’. Por outro lado, as expressões 16) e 59) mostram motivação pelo fato que cabeça é entendida como a parte superior do corpo ou o ponto mais alto do corpo. Também é mostrada a motivação pela mímica e o gesto como um exemplo da maneira como as expressões idiomáticas podem verbalizar a comunicação não-verbal. A cabeça e os pés ajudam mesmo à criação da imagem de um gesto, na origem da criação da expressão idiomática. A expressão ‘medir alguém dos pés à cabeça’ entende-se como uma entrada orgulhosa e altiva, um olhar ou uma olhadela desdenhosa.

Outra noção relevante quando falamos sobre a localização da cabeça é que ela se relaciona com aspetos **acima-abaixo**. É interessante observar a expressão idiomática ‘com a cabeça na lua/nas nuvens’ porque, ainda que a lua e as nuvens estejam acima, portanto da cabeça também, a expressão idiomática designa uma pessoa distraída; mas isso acontece por causa da “posição canónica”, mais precisamente por causa da transposição da posição natural. O mesmo se passa na expressão idiomática ‘comer as papas na cabeça de alguém’. Porém, isto pode ser

associado à (des)localização da cabeça. Estar acima relaciona-se com orgulho e estar abaixo significa ter pouca importância:

- 18) de cabeça alta/erguida/levantada,
- 19) de cabeça baixa,
- 21) de cabeça para baixo,
- 35) baixar/curvar/vergar a cabeça,
- 49) estar à cabeça/frente de (fig),
- 56) levantar (a) cabeça (fig),
- 37) comer as papas na cabeça de alguém (fam).

Estas expressões idiomáticas estão ligadas à metáfora conceptual ‘ACIMA É BOM’<sup>18</sup>, ‘ABAIXO É MAU’<sup>19</sup>. Outras metáforas conceptuais que se podem associar, pelo menos à expressão idiomática ‘estar à cabeça’, são: ‘COMPARAÇÃO AVALIADA DE A E B EM SITUAÇÕES ESTÁTICAS É DETERMINADA ATRAVÉS DA DISTÂNCIA VERTICAL ENTRE A E B’<sup>20</sup>, com a sub-metáfora conceptual ‘ESTATUTO É POSIÇÃO’<sup>21</sup>. São vários os conceitos conceptualizados através da orientação espacial, ou seja, do modo através do qual nós localizamos alguma coisa no espaço: vemos o objeto à nossa frente, acima, abaixo, etc. Praticamente cada movimento do corpo exige uma mudança de orientação e, como tal, isto faz parte do nosso funcionamento diário.

O esquema **parte-todo** vem da experiência somática – o homem considera-se como um todo que pode manipular as suas partes. Uma das partes de uma unidade pode ser tão proeminente que representa toda a unidade. As expressões idiomáticas em que se encontra este esquema são todas aquelas em que a *cabeça* representa uma *pessoa* (tais expressões já foram listadas na parte sobre a polissemia do lexema *cabeça*).

O esquema **centro-periferia** designa a percepção do corpo como uma estrutura com um centro e partes periféricas. O centro é considerado mais importante do que as partes periféricas,

---

<sup>18</sup> ‘UP IS GOOD’.

<sup>19</sup> ‘DOWN IS BAD’.

<sup>20</sup> ‘EVALUATIVE COMPARISON OF A AND B IN A STATIC SITUATION IS DETERMINED BY THE VERTICAL DISTANCE BETWEEN A AND B’

<sup>21</sup> ‘STATUS IS POSITION’.

ou seja, uma ferida no centro é mais grave do que uma ferida noutras partes. Pensamos que os pés representam a parte periférica, sendo a cabeça a parte mais importante ou central. Assim, encontramos as expressões idiomáticas:

- 15) com pés e cabeça (fam),
- 16) da cabeça aos pés/dos pés à cabeça (fam),
- 26) sem pés nem cabeça (fam),
- 41) cortar a cabeça/o pescoço a/de alguém (pop),
- 49) estar à cabeça/frente de (fig),
- 59) medir alguém dos pés à cabeça (fig),
- 64) não ter pés nem cabeça (fam),
- 65) padecer/sofrer da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha,
- 82) ter pés e cabeça (fam).

Associamos estas expressões à metáfora conceptual ‘PROPRIEDADES SÃO PROPRIEDADES FÍSICAS’<sup>22</sup>, com as sub-metáforas conceptuais ‘IMPORTANTE É PROPRIEDADE FÍSICA’<sup>23</sup> e ‘IMPORTANTE É CENTRALIDADE’<sup>24</sup>. No corpo existe uma diferença entre centro e periferia, tal como em vários objetos que nos rodeiam, sendo que, em todos os casos a periferia depende do centro, mas o contrário não. Assim, cabeça, como órgão vital, é associado à conceptualização da vida e a eliminação da cabeça (*cortar a cabeça*) representa a morte.

---

<sup>22</sup> ‘PROPERTIES ARE PHYSICAL PROPERTIES’.

<sup>23</sup> ‘IMPORTANCE IS A PHYSICAL PROPERTY’.

<sup>24</sup> ‘IMPORTANCE IS CENTRALITY’.

## 5. COMPARAÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM PORTUGUÊS E CROATA

Através da comparação de expressões idiomáticas em croata e português, vamos tentar encontrar algumas universalidades na conceptualização do pensamento ou, por outro lado, algumas diferenças que poderiam mostrar de que maneira a localização geográfica influi na criação das unidades linguísticas. As teorias contemporâneas, especialmente as cognitivas, tentam incluir aspetos culturais na análise linguística. Sendo o pensamento estruturado através da experiência somática e extralinguística, não deveria haver muitas diferenças entre as expressões idiomáticas de línguas diferentes. Ainda assim, são expectáveis algumas diferenças pois a língua não pode ser separada da cultura. A análise não pretende ser exaustiva mas somente um complemento ao que foi já dito neste trabalho.

Por um lado, podemos comparar a motivação conceptual entre as expressões croatas e portuguesas e, por outro lado, podemos comparar a sua equivalência, sobre a qual vamos dizer alguma coisa mais à frente.

As expressões idiomáticas entre as quais existe alto grau de semelhança em termos de motivação conceptual são:

- padecer/sofrer da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha (*biti bolestan u glavu*),
- cortar a cabeça de alguém (*skratiti za glavu koga, odrubiti glavu*),
- bater com a cabeça nas paredes (*udarati glavom u zid*),
- querer a cabeça de alguém (*željeti nečiju glavu*),
- duro de cabeça (*tvrdoglav*),
- por cabeça (*po glavi*),
- cabeça fria (*hladne glave*),
- cabeça levantada (*uzdignute glave*),

- cabeça baixa (*pognute glave*),
- com a/de cabeça perdida (*izgubiti/gubiti glavu*), etc.

Para o maior dos casos podemos dizer que os domínios de origem e de destino são coincidentes. Pressupõe-se que não haja dificuldade na tradução destas expressões idiomáticas para outra língua. Alguns casos são interessantes porque, ainda que sejam parecidos na sua estrutura sintática, mostram diferenças em termos de imagem fundamental, ou seja, na escolha dos lexemas para a conceptualização. Por exemplo, a expressão idiomática portuguesa ‘(não) ter pés nem/e cabeça’ tem o equivalente croata ‘imati/nemati glavu i rep’. Esta expressão é interessante porque em português se exprime ‘possessão de origem e fim’ por ‘possessão de **pés** e cabeça’ enquanto em croata se exprime por ‘possessão de **rabo** e cabeça’. Outra expressão idiomática que é interessante é ‘estar à cabeça’. Também se trata de expressões idiomáticas bastante parecidas, só que na língua croata se usa o lexema *testa (biti na čelu)*. A lógica de alguém estar à cabeça deve-se ao facto de, como já concluímos, o lexema representa início, origem, alguma coisa importante, superior, de importância vital. Será que a expressão idiomática croata irá tão longe na percepção da testa como a parte superior da parte superior (cabeça)? Agora não vamos responder à questão porque a resposta requereria algumas páginas mais, considerando também o aspeto diacrónico que não abordamos neste trabalho. Também vamos destacar uma outra expressão idiomática – ‘de cabeça’ (*napamet*). Na língua croata, diz-se literalmente que se aprende ‘de mente’. A expressão idiomática croata, tal como a portuguesa, tem o mesmo domínio de destino, o que se diferencia é o domínio de origem.

No âmbito da fraseologia, desenvolvem-se análises contrastivas e termos de equivalência. A equivalência representa a relação entre pelo menos duas entidades linguísticas que se conceptualizam como equivalentes em certo aspeto, através de características comuns relevantes. As expressões idiomáticas podem ser comparadas em vários aspetos: no plano sintático, semântico, morfológico, etc. A equivalência pode ser total ou parcial, ou até nem existir (Turk & Opašić, 2008). As expressões idiomáticas croatas e portuguesas com o lexema *cabeça* mostram um alto grau de equivalência, tanto na estrutura sintática, como (talvez mais) na estrutura semântica.

A equivalência total refere-se às entidades que coincidem nos planos sintático e lexical. As expressões totalmente equivalentes têm a mesma estrutura de lexical e gramatical:

18) de cabeça alta/erguida/levantada - *UZDIGNUTE GLAVE*

[com dignidade; com altivez; sem temor ou vergonha],

25) por cabeça - *po glavi, po osobi*

[por pessoa; individualmente],

35) baixar/curvar/vergar a cabeça - *POGNUTI GLAVU*

[submeter-se; sujeitar-se; humilhar-se],

39) contar as cabeças - *(po)brojati glave/osobe* (istraživati tko je na raspolaganju za neku radnju)

[contar as pessoas presentes;

fig) apurar quem está disposto a assumir responsabilidades, a correr riscos, a colaborar ativamente, etc.],

56) levantar (a) cabeça (fig) - *dignuti glavu*

[reabilitar-se moralmente, socialmente, financeiramente],

69) perder a cabeça (fam) - *IZGUBITI GLAVU/MIR*

[perder a calma, o domínio, a serenidade; irritar-se; exorbitar],

78) ter a cabeça no seu lugar (fam) - *imati glavu na svom mjestu*

[ser uma pessoa sensata, prudente],

79) ter cabeça/caco (fam) - *imati glavu; biti pametan*

[diz-se de pessoa ajuízada, sensata, inteligente].

A equivalência parcial é muito mais frequente do que a total. Os equivalentes parciais são expressões semanticamente parecidas, mas com uma forma diferente, ou vice versa, por exemplo:

16) da cabeça aos pés/dos pés à cabeça (fam) - *OD GLAVE DO PETE*<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Diferença lexical (pés – *pete*).

[totalmente; em toda a altura do corpo, de alto a baixo, das unhas dos pés à raiz/coruta/ao coruto dos cabelos],

43) dar tratos à cabeça/bola/imaginação (fam) - *razbijati glavu, uporno razmišljati*

[dedicar muito esforço e tempo em tentativas para chegar a compreender, desvendar alguma coisa, puxar pelo bestunto],

49) estar à cabeça/frente de (fig) - *biti na čelu*

[chefiar; dirigir; comandar],

52) fazer andar a cabeça à roda - *zavrtjeti (nekome) glavu, zaluditi*

[causar tonturas; entontecer; confundir],

54) governar-se/regular-se pela cabeça de alguém (fam) - *misliti tuđom glavom*

[proceder segundo as opiniões, conselhos de outra pessoa],

58) matar a cabeça a/com (fam) - *RAZBIJATI GLAVU*

[fazer um intenso esforço mental, puxar pela cabeça/cachimónia/cachola/pelos miolos, quebrar a cabeça, puxar pela memória, dar tratos/voltas ao miolo],

82) ter pés e cabeça (fam) - *imati glavu i rep*

[diz-se de coisa que faz sentido, que é lógica, compreensível, fazer sentido].

Também existem casos onde uma expressão não tem o equivalente noutra língua. O significado fraseológico exprime-se pelas combinações livres das palavras, das estruturas sintagmáticas ou pelas paráfrases. Muitas vezes as expressões sem equivalentes são culturalmente motivadas e características de uma comunidade linguística. Assim, encontramos as expressões seguintes:

2) cabeça de casal - *izvršitelj oporuke*

[pessoa sobre quem a lei faz recair a responsabilidade de prestar as informações e fazer as diligências requeridas por um inventário judicial],

3) cabeça de motim - *kolovođa*

[chefe de revolta, insubordinação, protesto],

4) cabeça de vento (fam)<sup>26</sup> - *lakouman, lakomislen*

[pessoa leviana, estonteada, estouvada],

---

<sup>26</sup> Na língua croata existe o equivalente parcial „glava u oblacima“.

- 11) com a cabeça à razão de juro (pop) - *odsutan duhom*;  
*nerazborita, suluda osoba*  
[desorientado, abstracto, alheio, devido principalmente a cansaço mental],
- 12) com a cabeça à roda (fam) - *zbunjen*  
[estonteado, atordado],
- 21) de cabeça para baixo - *naglavce, naopako*  
[em posição inversa da normal; ao contrário],
- 27) tanto faz dar-lhe na cabeça/bola como na cabeça/bola lhe dar (pop) - *što god učinio, rezultat će biti isti; na jedno uho uđe, na drugo izade*  
[qualquer que seja decisão ou medida tomada o resultado é o mesmo],
- 28) voz de cabeça/falsete/pipia (pop) - *piskutav glas*  
[diz-se de voz estridente, aguda],
- 29) andar/trazer a cabeça à razão de juro (pop) - *biti zbunjen*  
[sentir-se transtornado, confuso, baralhado],
- 42) dar na cabeça/cachola a alguém de /para (fam) - *učiniti nešto neočekivano*  
[tomar uma decisão inesperada, surpreendente],
- 55) ir para a cabeça/os cornos do touro (pop) - *hrabro se součiti s kim/čim*  
[enfretar corajosa e frontalmente uma situação difícil; encabeçar uma iniciativa arriscada; assumir directamente as responsabilidades],
- 86) cabeça-de-camarão (pop) - *glupa osoba*  
[pessoa estúpida],
- 87) cabeça-de-coco (pop) - *odsutna i ne baš pametna osoba*  
[pessoa pouco inteligente, ou distraída],
- 88) cabeça-de-turco - *figura*  
[pessoa que figura como estando à frente de um empreendimento, mas que, na realidade, é apenas o agente de desconhecidos que por detrás dela se acobertam].

## 6. CONCLUSÃO

As expressões idiomáticas são compostas por dois ou mais componentes que formam estruturas (mais ou menos) estáveis. O significado delas não é a soma dos significados dos seus componentes. Existe um significado novo que pode estar, ou não, ligado ao dos componentes. As pessoas, pela sua experiência somática e extralinguística, conceptualizam conceitos mais distantes e abstratos. Através dos esquemas imagéticos, surgem os processos de metáfora e de metonímia conceptuais.

Cabeça é entendida como a mais saliente e proeminente parte do corpo e usa-se para designar metonimicamente o homem (todo), que é aquele que realmente experiencia e pensa sobre o mundo que o rodeia. Este trabalho tentou mostrar, em primeiro lugar, a polissemia do lexema *cabeça*, observando os processos que levam à constituição dos significados novos. Foram explicados os esquemas imagéticos típicos para o lexema *cabeça*. As propriedades e as relações destes esquemas estão na motivação de metáforas (e metonímias) conceptuais através das quais o lexema *cabeça* obtém os novos significados.

Concluimos que o lexema *cabeça* é um lexema fértil. Em primeiro lugar, *cabeça* representa metonimicamente o homem – uma parte do corpo designa o corpo todo. As expressões em que *cabeça* representa a pessoa são motivadas pela metáfora ‘PARTE É TODO’. Outros significados de *cabeça* devem-se ao facto de que a *cabeça* representa um órgão vital e, portanto, importante. São várias as direções em que se manifesta este facto, *cabeça* entende-se como *vida* ou como algo *importante*. A posição de *cabeça* também serve para a criação de extensões polissémicas e *cabeça* pode significar algo *inicial* ou *superior*. Como centro do pensamento, *cabeça* representa *capacidade intelectual* que pode ser grande ou pequena, mas também os processos, em primeiro lugar, mentais.

De seguida, foi analisada a motivação das expressões idiomáticas. Através dos esquemas imagéticos, tentou explicar-se a motivação que subjaz à criação de metáforas e metonímias

conceptuais. *Cabeça* entende-se como um contentor e recebe todas as características desse contentor: tamanho, material, possibilidade de ser cheio ou vazio, etc. As metáforas que conceptualizam a cabeça como contentor são: ‘CABEÇA É OBJETO SÓLIDO’, ‘GRANDE É BOM’, ‘PEQUENO É MAU’, ‘MENTE É CONTENTOR PARA OBJETOS’. O contentor representa um objeto que é composto de uma matéria sólida e tem os seus limites, interior e exterior. Assim, a metáfora ‘CABEÇA É OBJETO SÓLIDO’ motiva expressões em que a cabeça “não permite” a entrada de objetos alheios, por exemplo, ‘cabeça-forte’. Como contentor, também representa um objeto que se pode (des)localizar. As expressões em que *cabeça* se (des)localiza são motivadas pelas metáforas orientacionais: ‘ACIMA É BOM’, ‘ABAIXO É MAU’, ‘ESTATUTO É POSIÇÃO’, ‘IMPORTANTE É CENTRAL’. A deslocalização da cabeça significa, na maioria das expressões, que a pessoa está transtornada, mentalmente perturbada, etc. Por outro lado, ‘ter a cabeça no lugar’ significa ‘ser uma pessoa sensata, prudente’.

As semelhanças encontradas entre expressões idiomáticas portuguesas e croatas mostram que a nossa experiência somática tem um papel essencial na conceptualização de aspetos abstratos. Tentámos verificar se as duas línguas compartilham conceptualizações metafóricas e metonímicas, ou seja, se existem diferenças culturais, linguísticas e conceptuais. Chegámos à conclusão de que existe uma sobreposição considerável, mas é necessário destacar que a comparação não foi profunda, tratou-se antes de uma visão do mundo “interlinguístico” das expressões idiomáticas. Estabelecemos que a equivalência, que ocorre em vários graus, pode ser total, parcial, ou não existente. A maioria das expressões mostra equivalência parcial que se deve em grande parte à estrutura sintática e morfológica da língua. É interessante observar expressões em que um lexema é substituído por outro, por exemplo, na expressão ‘estar à cabeça’ – ‘*biti na čelu*’. Sendo a testa apenas uma parte da cabeça, seria interessante analisar porque é que, ainda assim, na língua croata, a testa conceptualiza algo superior, inicial ou importante.

Vimos como é que um só lexema serve para a construção de tão numerosas expressões idiomáticas. Por um lado, é um bom exemplo da economia linguística, realmente necessária para que a língua não seja sobrecarregada. Por outro lado, mostra como funciona o pensamento (pelo menos, uma pequena parte) e como está ligado à língua. As pessoas partem de experiências

diárias e conhecidas para exprimir ideias mais abstratas, usando abundantemente o que está à sua disposição todos os dias: o seu próprio corpo.

## **BIBLIOGRAFIA**

Bréal, M. (1897). The history of words. Em G. Wolf (Ed.), *The beginnings of semantics: essays, lectures and reviews* (pp. 152-175). London: Duckworth.

Coseriu, E. (2000). Structural semantics and 'cognitive' semantics. *LOGOS AND LANGUAGE* , 19-42.

Ferreira, R. G. (2010). *A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Goossens, L. (1990). Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions. *Cognitive Linguistics 1* , 323-340.

Hrnjak, A. (2009). *Putovanje kroz hrvatsku frazeologiju*. Obtido de Suedslavistik online: <http://www.suedslavistik-online.de/01/hrnjak.pdf>

Johnson, M. (2005). The philosophical significance of image schemas. In H. Beate, *From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics* (pp. 15-35). Berlin: Mouton de Gruyter.

Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.

Lakoff, G., Espenson, J., & Schwartz, A. (1991). *Master Metaphor List*. Obtido de <http://araw.mede.uic.edu/~alansz/metaphor/METAPHORLIST.pdf>

Langacker, R. W. (2008). *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press.

Lanović, N. (2009). Como se pesca noutros mares? Domínio conceptual de pesca nas unidades fraseológicas portuguesas e croatas. *II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - SIMELP*, (pp. 16-38). Évora.

- Lyons, J. (1977). Structural Semantics I: semantic fields. In J. Lyons, *Semantics. Volume 1* (pp. 252-261). London: Cambridge University Press.
- Menac, A., Fink-Arsovski, Ž., & Venturin, R. (2003). *Hrvatski frazeološki rječnik*. Zagreb: Naklada Ljevak.
- Nogueira Santos, A. (1990). *Novos dicionários de expressões idiomáticas*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Omazić, M., & Schmidt, G. (2008). Polysemy in phraseology. In M. (. Álvarez de la Granja, *Lenguaje figurado y motivación Una perspectiva desde la fraseología* (pp. 97-109). Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter lang.
- Radden, G., & Kövecses, Z. (1999). Towards a Theory of Metonymy. In K.-U. Panther, & G. Radden, *Metonymy in Language and Thought* (pp. 17-61). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Raffaelli, I. (2007). Neka načela ustroja polisemnih leksema. *Filologija* (48), 135-172.
- Raffaelli, I. (2009). Polisemija i dijakronijska semantika. In *Značenje kroz vrijeme: poglavlja iz dijakronijske semantike*. Zagreb: Disput.
- Rodrigues, I. G., Cordas, J., & Mouta, M. (2003). Porque é que a cabeça deita fumo? In F. I. Fonseca, A. M. Brito, I. M. Duarte, & M. J. Mendonça, *Língua portuguesa : estruturas, usos e contrastes* (pp. 147-184). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras.
- Stanojević, M. M. (2009). Konceptualna metafora u kognitivnoj lingvistici: pregled pojmova. *Suvremena lingvistika, Vol. 68*, 339-369.
- Škiljan, D. (1985). *Pogled u lingvistiku*. Zagreb: Školska knjiga.
- Talan, N. (2004). *Portugalsko-hrvatski rječnik*. Zagreb: Školska knjiga.
- Tchobánova, I. B. (2005). Tipos de fraseologismos na língua portuguesa. *IX Simposio Internacional de Comunicación Social*. Santiago de Cuba.

Turk, M., & Opašić, M. (2008). Supostavna raščlamba frazema. *Fluminensia*, god. 20 , 19-31.

Ullmann, S. (1972). Change of Meaning. In S. Ullmann, *Semantics. An Introduction to the Science of Meaning* (pp. 193-216). Oxford: Blackwell.

Vilela, M. (2002). As expressões idiomáticas na língua e no discurso. *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* , 159-189.

Xatara, C. M. (1998). Tipologia das expressões idiomáticas. In *A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês. Tese (Doutorado)* (pp. 169-176). Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

## ANEXO

1)	cabeça chocha (fam)	diz-se de pessoa de pouca inteligência ou memória	<i>šupljoglavac (onaj koji je šuplje glave, koji nema u glavi; praznoglavac, neznalica<sup>27</sup>)</i>
2)	cabeça de casal	pessoa sobre quem a lei faz recair a responsabilidade de prestar as informações e fazer as diligências requeridas por um inventário judicial	<i>izvršitelj oporuke?</i>
3)	cabeça de motim	chefe de revolta, insubordinação, protesto	<i>kolovođa</i>
4)	cabeça de vento (fam)	pessoa leviana, estonteada, estouvada	<i>lakouman, lakomislen</i>
5)	cabeça esturrada (pop)	diz-se de pessoa impulsiva, arrebatada, exaltada	<b><i>zanesenjak, USIJANA GLAVA</i></b>
6)	cabeça forte (fam)	pessoa de grande talento ou inteligência ❖ boa/grande cabeça ❖ ser um crânio	<i>intelligentna, talentirana osoba</i>
7)	cabeça fria (fam)	pessoa calma, serena, ponderada	<b><i>SAČUVATI HLADNU GLAVU,</i></b> <i>pribran, staložen</i>
8)	boa/grande cabeça (fam)	pessoa inteligente, sabedora ❖ cabeça forte ❖ ser um crânio	<i>znalac, učenjak</i>
9)	bom da cabeça/bola/do juízo (fam)	diz-se de pessoa ajuízada, sensata, prudente ❖ ruim/virado da bola	<i>razborita, mudra osoba</i>
10)	com a/de cabeça ao léu (fam)	de cabeça descoberta ❖ em carola	<b><i>gologlav</i></b>
11)	com a cabeça à razão de juro (pop)	desorientado, abstracto, alheio, devido principalmente a cansaço mental	<i>odsutan duhom; nerazborita, suluda osoba</i>
12)	com a cabeça à roda (fam)	estonteado, atordoado	<i>zbunjen</i>
13)	com a cabeça na lua/nas nuvens (fam)	distraído, alheio ao que se passa em redor, principalmente por andar absorto em coisas distantes, irreais ❖ cabeça no ar	<i>glavom u oblacima</i>
14)	com a/de cabeça perdida (fam)	diz-se de pessoa desvairada, transtornada	<b><i>IZGUBITI/G</i></b>

<sup>27</sup> Site de língua croata (HJP – Hrvatski jezični portal): [http://hjp.novi-liber.hr/index.php?show=search\\_by\\_id&id=d1ZnURY%3D&keyword=%C5%A1upljoglavac](http://hjp.novi-liber.hr/index.php?show=search_by_id&id=d1ZnURY%3D&keyword=%C5%A1upljoglavac)

			<b>UBITI GLAVU</b> ( <i>za kim</i> )
15)	com pés e cabeça (fam)	diz-se de coisa acertada, lógica, sensata ≠ sem pés nem cabeça	<b>IMATI GLAVU I REP</b>
16)	da cabeça aos pés/dos pés à cabeça (fam)	totalmente; em toda a altura do corpo ❖ de alto a baixo ❖ das unhas dos pés à raiz/coruta/ao coruto dos cabelos	<b>OD GLAVE DO PETE</b>
17)	de cabeça (fam)	1) mentalmente ❖ de cor ❖ de memória; 2) sem reservas; sem receio de perigos, consequências	<i>napamet</i>
18)	de cabeça alta/erguida/levantada	com dignidade; com altivez; sem temor ou vergonha	<b>UZDIGNUT E GLAVE</b>
19)	de cabeça baixa	com humildade, vergonha, temor; com atitude de pessoa comprometida	<i>pognute glave</i>
20)	de cabeça inchada	com ciúme, inveja; decepcionado	<i>umišljeno, napuhano</i>
21)	de cabeça para baixo	em posição inversa da normal; ao contrário ❖ de pernas para o ar ❖ virar de catrâmbias ❖ de chapuz	<i>naglavce, naopako</i>
22)	dor/dores de cabeça (fig)	séria dificuldade; preocupação; aflição ❖ dor/dores de barriga	<i>glavobolja/e (fig.)</i>
23)	duro de cabeça (pop)	pessoa estúpida, casmurra	<i>tvrdoglava osoba</i>
24)	juízo e cabeça fresca (pop)	expressão usada para aconselhar prudência, calma, cautela	<i>oprezno, hladne glave, pamet u glavu</i>
25)	por cabeça	por pessoa; individualmente	<i>po glavi, po osobi</i>
26)	sem pés nem cabeça (fam)	sem nenhum sentido ou lógica ≠ com pés e cabeça	<b>BEZ GLAVE I REPA</b>
27)	tanto faz dar-lhe na cabeça/bola como na cabeça/bola lhe dar (pop)	qualquer que seja decisão ou medida tomada o resultado é o mesmo ❖ vir a ser a mesma coisa ❖ (vir a) dar na mesma/no mesmo	<i>što god učinio, rezultat će biti isti</i>
28)	voz de cabeça/falsete/pipia (pop)	diz-se de voz estridente, aguda	<i>piskutav glas</i>
29)	andar/trazer a cabeça à razão de juro (pop)	sentir-se transtornado, confuso, baralhado	<i>biti zbunjen</i>
30)	andar/estar/ficar com uma grande cabeça/cachola/pinha/mona (pop)	diz-se de pessoa que sofreu grande decepção, arrelia, insucesso, etc.	<i>pretrpjeli nesreću, neuspjeh</i>
31)	andar/estar/ficar com a cabeça à roda	sentir tonturas	<i>zavrtjeti glavom nekome</i>
32)	aprender de cabeça/cor/memória	aprender alguma coisa de forma a sabê-la mentalmente	<i>naučiti napamet</i>

33)	assentar (a) cabeça (fam)	diz-se de pessoa que começa a pensar, proceder sensatamente ❖ ganhar/tomar juízo	<i>upregnuti glavu/mozak</i>
34)	atirar-se/lançar-se de cabeça (pop)	empenhar-se numa tarefa, projecto, empresa, com grande entusiasmo, com todas as forças, sem ponderar possíveis riscos ou perigos; agir temerária e precipitadamente ❖ atirar-se/despenhar-se por um canhadão abaixo	<i>baciti se naglavačke</i>
35)	baixar/curvar/vergar a cabeça	submeter-se; sujeitar-se; humilhar-se	<b>POGNUTI GLAVU</b>
36)	bater/dar com a cabeça pelas paredes (pop)	diz-se de pessoa em profundo estado de desespero, desorientação, confusão	<b>ÍČI/HTJETI GLAVOM KROZ/A ZID</b>
37)	comer as papas na cabeça de alguém (fam)	ser bastante mais alto que outra pessoa; fig) enganar, iludir uma pessoa, abusando da sua ingenuidade ou imprevidência	<i>jesti nekome s glave, prevariti naivnu osobu</i>
38)	conhecer/saber/ter de cabeça/cor/memória	recordar mentalmente	<i>zapamtiti napamet</i>
39)	contar as cabeças	contar as pessoas presentes; fig) apurar quem está disposto a assumir responsabilidades, correr riscos, colaborar activamente, etc.	<i>(po)brojati glave/osobe; istraživati tko je na raspolaganju za neku radnju</i>
40)	contar de cabeça	fazer cálculos mentalmente, sem recorrer a qualquer meio (dedos, escrita, calculadora, etc.) ❖ contar pelos dedos	<i>računati napamet</i>
41)	cortar a cabeça/o pescoço a/de alguém (pop)	degolar; decapitar ❖ passar a gravata colorada em alguém	<b>SKRATITI ZA GLAVU koga, odrubiti glavu</b>
42)	dar na cabeça/cachola a alguém de /para (fam)	tomar uma decisão inesperada, surpreendente	<i>učiniti nešto neočekivano</i>
43)	dar tratos à cabeça/bola/imaginação (fam)	dedicar muito esforço e tempo em tentativas para chegar a compreender, desvendar alguma coisa ❖ puxar pelo bestunto	<b>razbijati glavu, uporno razmišljati</b>
44)	deitar as mãos à cabeça/pôr as mãos na cabeça (fam)	sentir-se desfalecido, indignado, espantado, aflito	<b>zgrabiti se za glavu</b>
45)	dever os cabelos da cabeça (fam)	ter muitas dívidas; estar empenhado ❖ empenhado/endividado até aos cabelos/olhos/às orelhas ❖ dever os olhos da cara	<b>biti zadužen do grla</b>
46)	dizer o que vem à cabeça/boca/ventas (fam)	falar sem reflectir	<i>reći što padne napamet</i>
47)	dizer/repetir de cabeça/cor/memória	expor, relatar mentalmente, sem recorrer a notas, apontamentos, etc.	<i>ponavljati napamet</i>
48)	encasquetar-se na cabeça de alguém (pop)	tornar-se em mania, obsessão	<i>nametnuti nekome nešto; utuviti nekome nešto</i>

			<i>u glavu</i>
49)	estar à cabeça/frente de (fig)	chefiar; dirigir; comandar	<i>biti na čelu</i>
50)	estar/ser bom da cabeça/bola/cachola do juízo/da pinha (pop)	proceder, pensar de maneira sensata, prudente, normal ❖ regular bem (da bola/cabeça/cachola//do juízo/da pinha) ❖ ter tento na bola	<i>promisliti, djelovati razborito, mudro</i>
51)	exigir/querer a cabeça de alguém (fig)	impor, reclamar a demissão de uma pessoa do cargo que ocupa	<i>željeti nečiju glavu</i>
52)	fazer andar a cabeça à roda	causar tonturas; entontecer; confundir	<i>zavrtjeti (nekome) glavu, zaluditi</i>
53)	fazer contas de cabeça (pop)	calcular mentalmente; fig) dormir; cabecear com sono ❖ pesar bacalhau ❖ pegar/puxar camurim/piraíba/traíra	<i>brojati napamet; drijemati, svijati glavu od pospanosti</i>
54)	governar-se/regular-se pela cabeça de alguém (fam)	proceder segundo as opiniões, conselhos de outra pessoa ❖ pensar pela cabeça de alguém ❖ ver pelos olhos de alguém	<i>misliti tuđom glavom</i>
55)	ir para a cabeça/os cornos do touro (pop)	enfretar corajosa e frontalmente uma situação difícil; encabeçar uma iniciativa arriscada; assumir directamente as responsabilidades	<i>hrabro se součiti s kim/čim</i>
56)	levantar (a) cabeça (fig)	reabilitar-se moralmente, socialmente, financeiramente	<i>dignuti glavu</i>
57)	levar na cabeça (fig)	sair-se mal de um empreendimento; sofrer contra-tempo	<i>prihvaćati udarce, kritike u lice</i>
58)	matar a cabeça a/com (fam)	fazer um intenso esforço mental ❖ puxar pela cabeça/cachimónia/cachola/pelos miolos ❖ quebrar a cabeça ❖ puxar pela memória ❖ dar tratos/voltas ao miolo	<b>RAZBIJATI GLAVU</b>
59)	medir alguém dos pés à cabeça (fig)	observar detidamente os aspectos exteriores de uma pessoa, geralmente com ar provocatório de desconfiança ou desafio	<i>odmjeriti od glave do pete</i>
60)	meter na cabeça (fam)	decorar, compreender	<i>ukrasiti</i>
61)	meter em cabeça	convencer, persuadir; insinuar; fazer compreender	<b>UTUVITI U GLAVU</b>
62)	não estar/ser bom da cabeça/bola/cachola do juízo/da pinha	ser amalucado	<i>biti (su)lud, luckast</i>
63)	não regular (bem) da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha (pop)	ser um tanto amalucado	<i>biti (su)lud, luckast</i>
64)	não ter pés nem cabeça (fam)	diz-se de coisa disparatada, ilógica, incompreensível ❖ não ter atilho nem vincilho ❖ não ter ponta por onde se lhe pegue	<i>bez glave i repa</i>
65)	padecer/sofrer da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha	ser um tanto amalucado	<i>biti bolean u glavu</i>

66)	passar as mãos pela cabeça de alguém (fig)	tomar uma atitude tolerante, condescendente, compreensiva para com uma pessoa que comete qualquer erro ou falta	<i>pružiti ruku pomirenja/mirara</i>
67)	passar pela cabeça/memória (fam)	ocorrer ao espírito; ter uma ideia súbita	<i>proći, prostrujiti kroz glavu</i>
68)	pensar pela cabeça de alguém (fam)	não ter opiniões, ideias próprias, adotando as de outra pessoa ❖ governar-se/regular-se pela cabeça de alguém ❖ ver pelos olhos de alguém	<i>misлити tuđom glavom</i>
69)	perder a cabeça (fam)	perder a calma, o domínio, a serenidade; irritar-se; exorbitar	<b>IZGUBITI GLAVU/MIR</b>
70)	pôr a cabeça de alguém a preço/prémio	oferecer uma recompensa a quem matar uma pessoa ❖ ter a cabeça a preço/prémio	<i>staviti (čiju) glavu na cijenu; ucijeniti nečiju glavu</i>
71)	puxar pela cabeça/cachimónia/cachola/pelos miolos (fam)	fazer um esforço para compreender, aprender, recordar	<i>upregnuti glavu</i>
72)	quebrar a cabeça (fam)	ferir a cabeça; fig) 1) meditar, ponderar demoradamente; 2) ralar; importunar	<i>razbijati glavu; promišljati</i>
73)	regular (bem) da cabeça/bola/cachola/do juízo/da pinha (fam)	pensar, agir com sensatez, prudência, tino ❖ estar/ser bom da bola/cachola/do juízo/da pinha ❖ ter tento na bola	<i>misлити, djelovati razborito, mudro</i>
74)	regular mal da cabeça/bola/cachola/juízo/da pinha (fam)	ser um tanto amalucado	<i>biti potpuno lud</i>
75)	saber onde tem a cabeça (fam)	diz-se de pessoa sensata, ponderada ❖ ter a cabeça no seu lugar	<i>znati gdje (ti) je glava; glava na mjestu</i>
76)	subir alguma coisa à cabeça de alguém (fam)	deixar-se uma pessoa obcecar por uma ideia ou uma coisa; perturbar alguma coisa a razão, a inteligência de uma pessoa	<i>utuviti si u glavu, postati umišljen</i>
77)	subir o sangue à cabeça (fam)	deixar-se perturbar pela irritação, cólera, exaltação	<i>krv udara u glavu; biti bijesan, ljut</i>
78)	ter a cabeça no seu lugar (fam)	ser pessoa sensata, prudente	<i>imati glavu na mjestu</i>
79)	ter cabeça/caco (fam)	diz-se de pessoa ajuízada, sensata, inteligente	<i>imati glavu; biti pametan</i>
80)	ter (boa) cabeça para (fam)	ser naturalmente dotado de capacidade mental para determinada coisa	<i>imati glavu za što</i>
81)	ter minhocas na cabeça (pop)	diz-se de pessoa de espírito pessimista, melancólico, sempre preocupada com males possíveis ou imaginários	<i>biti pesimističan</i>
82)	ter pés e cabeça (fam)	diz-se de coisa que faz sentido, que é lógica, compreensível ❖ fazer sentido	<i>imati glavu i rep</i>
83)	tirar da cabeça/ideia/do sentido	1) esquecer, desistir;	<i>izbiti iz glave</i>

	(fam)	2) persuadir, convencer a abandonar	
84)	vir à cabeça (fam)	1) ser o primeiro numa classificação, escala, hierarquia; 2) recordar involuntariamente; 3) dizer alguma coisa sem reflectir	<i>biti na čelu; reći nešto bez ramišljanja</i>
85)	virar/voltar a cabeça/o juízo/miolo a alguém (fig)	1) fazer uma pessoa mudar de opinião, comportamento, geralmente para pior; 2) desviar do bem para o mal; 3) fazer perder a razão, sensatez, prudência	<i>promijeniti mišljenje nekome; promijeniti dobro u zlo; izgubiti razum</i>
86)	cabeça-de-camarão (pop)	pessoa estúpida	<i>glupa osoba</i>
87)	cabeça-de-coco (pop)	pessoa pouco inteligente, ou distraída	<i>odsutna i ne baš pametna osoba</i>
88)	cabeça-de-turco	pessoa que figura como estando à frente de um empreendimento, mas que, na realidade, é apenas o agente de desconhecidos que por detrás dela se acobertam ❖ testa-de-ferro	<i>figura</i>
89)	cabeça-dura (pop)	pessoa bronca, teimosa	<i>tvrdoglav</i>